Lailson de Holanda Cavalcanti

Joaquim Nabuco

A VOZ DA ABOLIÇÃO

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

Lailson de Holanda Cavalcanti

Joaquim Nabuco

A voz da abolição

70 anos Fundação Joaquim Nabuco

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Lailson de Holanda Cavalcanti

Joaquim Nabuco

A voz da abolição

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

Copyright 2019 ©Lailson de Holanda Cavalcanti
ISBN 978-85-7019-469-5

Os direitos desta edição são reservados à Editora Massangana.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida total ou parcialmente
em qualquer meio de divulgação sem a autorização do autor ou da editora,
exceto para fins de divulgação da mesma.

Fundação Joaquim Nabuco
www.fundaj.gov.br
Avenida 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte - Recife - PE
CEP 52061-540 | Telefone (81) 3073.6363
Editora Massangana: (81) 3073.6321 | (81) 3073.6317

Presidente da Fundação Joaquim Nabuco
Antônio Ricardo Accioly Campos
Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (DIMECA)
Mário Hélio Gomes de Lima
Coordenadora da Editora Massangana
Elizabeth Mattos
Chefe de Divisão de Serviços Editoriais
Antonio Laurentino

Criação, texto e desenhos
Lailson de Holanda Cavalcanti
Projeto gráfico e editorial
Sygma Comunicação
Revisão
Vanessa Kammer Attisano

Esta publicação segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Foi feito depósito legal.

Joaquim Nabuco – A voz da abolição é uma obra de ficção baseada na vida e na obra de Joaquim Nabuco. Excetuando personagens históricos, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.
Todas as versões dos personagens criados para esta obra são de propriedade exclusiva de Lailson de Holanda Cavalcanti.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Cavalcanti, Lailson de Holanda.
Joaquim Nabuco: a voz da abolição / Lailson de Holanda Cavalcanti. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2019.
62 p. : il. 2ª Reimpressão
Edição atualizada.
ISBN 978-85-7019-469-5

1. Ficção brasileira. 2. Nabuco, Joaquim, 1849-1910 – Ficção. 3. Escravidão. 4. Abolição. I. Título.

CDU 821.134.3(81)-3

Abolição é uma palavra que poderia ser incluída em um novo dicionário das ideias feitas. Basta dizê-la ou pensá-la e facilmente vem o complemento para a "voz": da escravatura. Por séculos, não anos, ressoaram, ecoaram os gemidos dos escravos no Brasil. Menos do que apenas quérulos "suspiros das noites do Norte", e mais como aquele começo famoso do "Vozes d`África", de Castro Alves:

> "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
> Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
> Embuçado nos céus?
> Há dois mil anos te mandei meu grito,
> Que embalde desde então corre o infinito...
> Onde estás, Senhor Deus?..."

Em 5 de agosto de 1887, um ano, portanto, antes da Abolição, um articulista do jornal carioca *O Paiz*, comentava uma votação importante no Senado nestes termos: "Sua Alteza a regente não sustentará o gabinete contra a vontade expressa do povo, porque neste momento o Senado falará pelo país inteiro, se falar pela voz da abolição".

No Brasil houve muitas vozes da Abolição. As que os livros escolares registram e projetam nos alto-falantes da fama são poucas. Os nomes frequentemente repetidos são os de José do Patrocínio, Castro Alves, Rui Barbosa, e, obviamente, Joaquim Nabuco. Houve, porém, diversas outras vozes que estão esquecidas ou silenciadas. Exemplos? André Rebouças, de quem pouco se fala, exceto como logradouro público. E José Mariano. Este ainda era destacado no Recife nos anos 1940, de tal maneira que sobre ele Alceu Marinho Rego escreveu um longo artigo. Está publicado no suplemento Vida Política do jornal carioca *A Manhã*. Precisamente em sua edição de 13 de agosto de 1950. Em "O tribuno do Recife" afirma o articulista: "Foi a grande voz da abolição e do liberalismo", e acrescenta: "Foi pela sua mão que Nabuco retomou contato com o Recife, para disputar um mandato pela província. (...) Juntos, ambos cresciam, completados pelo que

a um faltava, sobrando no outro. Ambos fidalgos, mas o fidalgo dos quatro costados, que dos dois era José Mariano Carneiro da Cunha, tinha raízes fundas, no sentimento popular, era um democrata de convicções e de pelos, junto a um democrata puramente cerebral como Nabuco. (...) Ganhava-o Nabuco na sedução de homem cosmopolita, no refinamento da inteligência. Um redentor de formação universitária e um apóstolo de praça pública, de braços dados pela mesma causa, que repousam juntos, hoje, em Santo Amaro, no mesmo dormitório em que não há despertar".

Neste livro em nova edição pela Editora Massangana, a voz da abolição é a de Joaquim Nabuco. Voz que o deputado Luna Freire Junior, seu contemporâneo, dizia amedrontar os mais conservadores, quando se levantava no Parlamento.

A voz da Abolição, isto é, a voz de Joaquim Nabuco, está neste livro traduzido visualmente. Em banda desenhada, como dizem os portugueses. Em quadradinhos, em quadrinhos, em *comic*, ou, simplesmente, HQ. Assim, um virtuoso do traço fez com que HQ se fizesse um espelho preciso de JN. Ganhamos leitores jovens – de todas as idades – um presente: a história de quem, no passado, foi a voz do futuro que ecoa até agora neste presente 2019.

Mário Hélio
Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte

"A escravidão é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva; politicamente, é o servilismo, a degradação do povo, a doença do funcionalismo; econômica e socialmente, é o bem-estar transitório de uma classe única."

Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 19 de agosto de 1849, em um velho sobrado, na Rua do Aterro da Boa Vista (atual Rua da Imperatriz Tereza Cristina), filho de José Tomás Nabuco de Araújo e de sua esposa, Ana Benigna de Sá Barreto.

Foi batizado no Cabo de Santo Agostinho, e seus padrinhos foram os senhores do Engenho Massangana, Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho e Ana Rosa Falcão de Carvalho.

Nesse engenho, Nabuco passou a maior parte da sua infância, cuidado pela madrinha, quando seus pais viajaram para a Corte, no Rio de Janeiro, onde seu pai assumiu o cargo de Senador do Império.

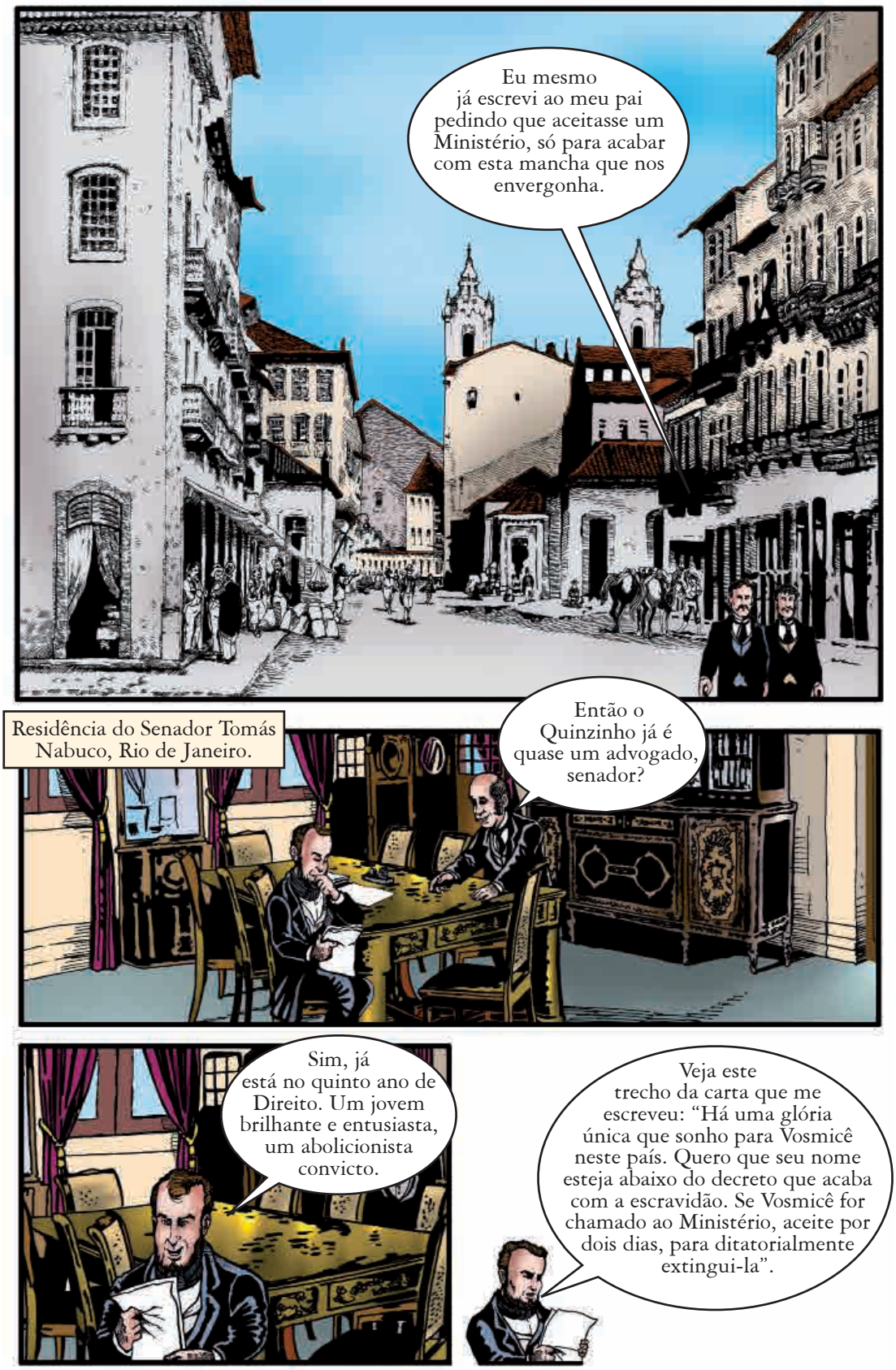
Engenho Massangana, residência de dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, viúva do senhor Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho (Cabo, Pernambuco, 1856).
Nhô Quinzim! Nhô Quinzim!
Nhô Quinzim, peça à sua madrinha para me comprar. Por favor, Nhô Quinzim...
Joaquim Aurélio? Que barulho é esse?
Nada não, madrinha. Estou aqui fora brincando.

Acalme-se, senão madrinha briga com a gente. Que foi que aconteceu?
Peça para dona Ana me comprar, Nhô Quinzim. Eu não quero mais ficar onde eu estou...
Lá eles me batem todo dia, me maltratam. Dona Ana é boa, me compre, Nhô Quinzim.
Deixe, eu vou falar com madrinha. São Mateus, o protetor deste engenho, vai ajudar a gente.
Benção, madrinha.
Deus te abençoe, Quinzinho.

Madrinha, por que é que se podem vender os escravos?
Ora, Quinzinho, que conversa é essa? Um escravo pode-se vender, comprar, fazer o que quiser!
Mas, madrinha, o Nezinho, filho de Naná, por exemplo: ele não é um menino como eu?
Como você? Que ideia é essa, Joaquim Aurélio? Você é filho do nosso compadre José Thomaz Nabuco de Araújo! Sua mãe descende dos Paes Barreto!
Ouviu isso, Maria? O Quinzinho acha que ele e o Nezinho são iguais.
Coisa de criança, sinhá...

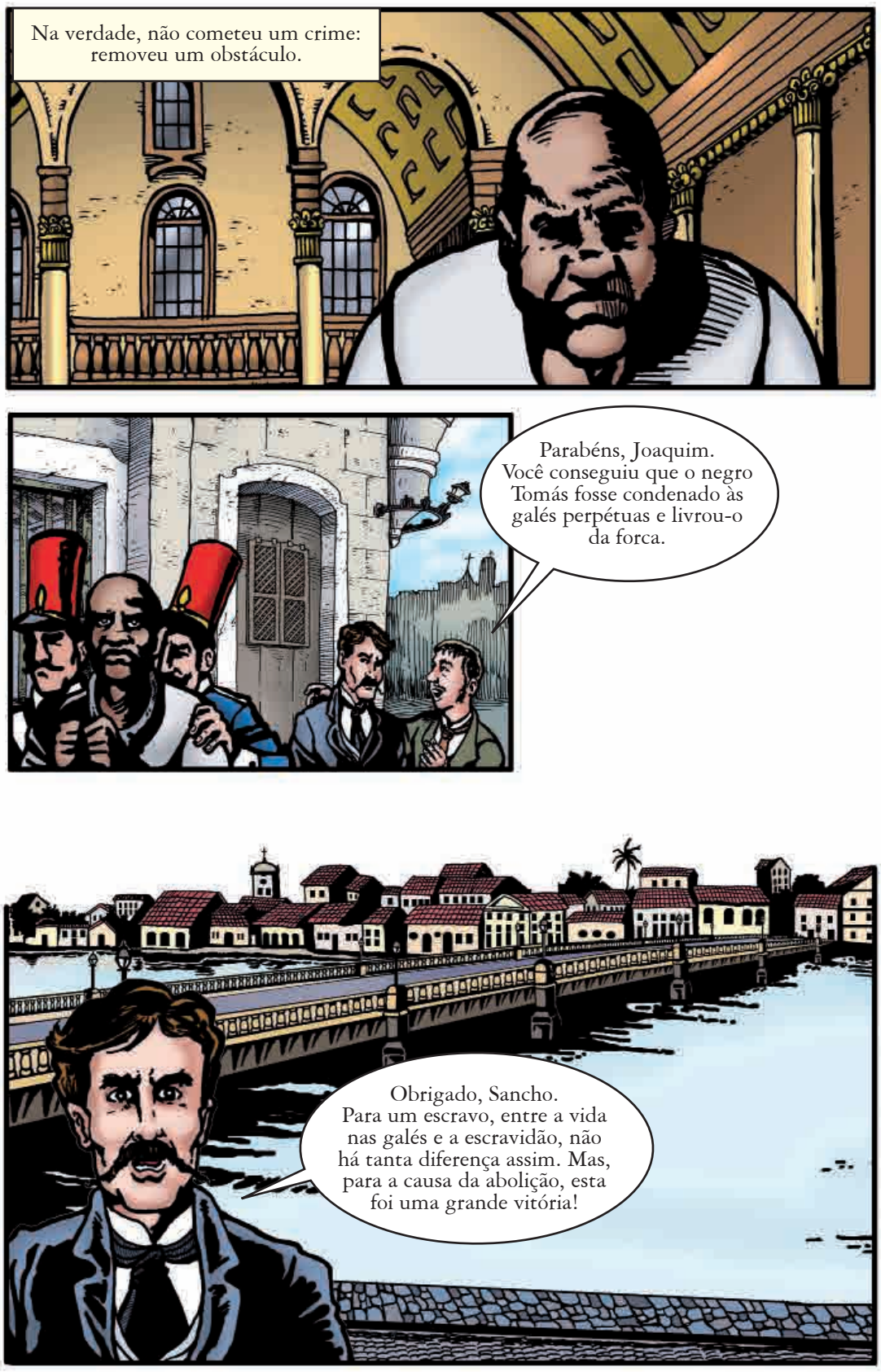
Mas, Maria, o Nezinho e eu brincamos, conversamos, andamos de carro de boi... Por que ele não é um menino como eu?
Nhô Quinzim é criança... Escravo é escravo, sinhô é sinhô.
Basta desta conversa, Joaquim Aurélio. Seu aniversário de 8 anos já está próximo e você já está ficando um rapazinho. Já é hora de não pensar mais bobagens como essas.
Mas ele é um menino... como eu.

Faculdade de Direito do Recife, 1869.
Pois lhe afirmo, Sancho, que, naquele dia, ainda criança, senti que éramos todos iguais como seres humanos e que a escravidão é algo que contraria a razão e a natureza.
É a mesma coisa agora, nesta questão do negro Tomás.
Sem dúvida, Joaquim. Mas é muita coragem sua assumir a defesa do Tomás. Já se fala que é um escândalo.
Os conservadores escravocratas dizem isso, claro. Mas você também ouviu as palavras de Castro Alves. Os ventos da Abolição já estão a soprar!


Eu mesmo já escrevi ao meu pai pedindo que aceitasse um Ministério, só para acabar com esta mancha que nos envergonha.
Residência do Senador Tomás Nabuco, Rio de Janeiro.
Então o Quinzinho já é quase um advogado, senador?
Sim, já está no quinto ano de Direito. Um jovem brilhante e entusiasta, um abolicionista convicto.
Veja este trecho da carta que me escreveu: "Há uma glória única que sonho para Vosmicê neste país. Quero que seu nome esteja abaixo do decreto que acaba com a escravidão. Se Vosmicê for chamado ao Ministério, aceite por dois dias, para ditatorialmente extingui-la".

Um idealista, sem dúvida. E este caso que ele vai defender lá no Recife? De um negro que assassinou seu próprio senhor?
Confesso que fico um pouco preocupado... Mas, o Quinzinho sabe o que faz.
Este negro, meus senhores, não apenas assassinou seu próprio senhor, como ainda, depois de condenado à forca pelo Tribunal de Olinda, evadiu-se da cadeia pública.
Peço, portanto, que seja mantida sua sentença e que ele balance na ponta de uma corda, como exemplo a todos aqueles que desafiam a ordem do Império!
Nessa tentativa, este celerado feriu de morte um dos guardas e aterrorizou por mais de um dia as famílias de bem do Recife, reagindo à bala às forças da Lei!

Senhor juiz, senhores jurados. Na origem do processo deste homem estão, na verdade, dois crimes sociais: a escravidão e a pena de morte.
Quando o seu algoz, que se considerava o seu senhor, o açoitou em praça pública, ele, como um homem tratado como um animal, reagiu como um tigre, matando-o.
A escravidão forçou-o a cometer o seu primeiro crime!
Obrigado pela Lei Natural a conservar uma vida que não era da sociedade, mas de Deus, tentava evadir-se quando quiseram prendê-lo para o cadafalso.
Foi, então, seu segundo crime! Por medo ou vingança, aniquilou ele o homem que o agarrava pelas costas para sujeitá-lo às penas da Lei, quando, pela fuga, já estava quase em liberdade.

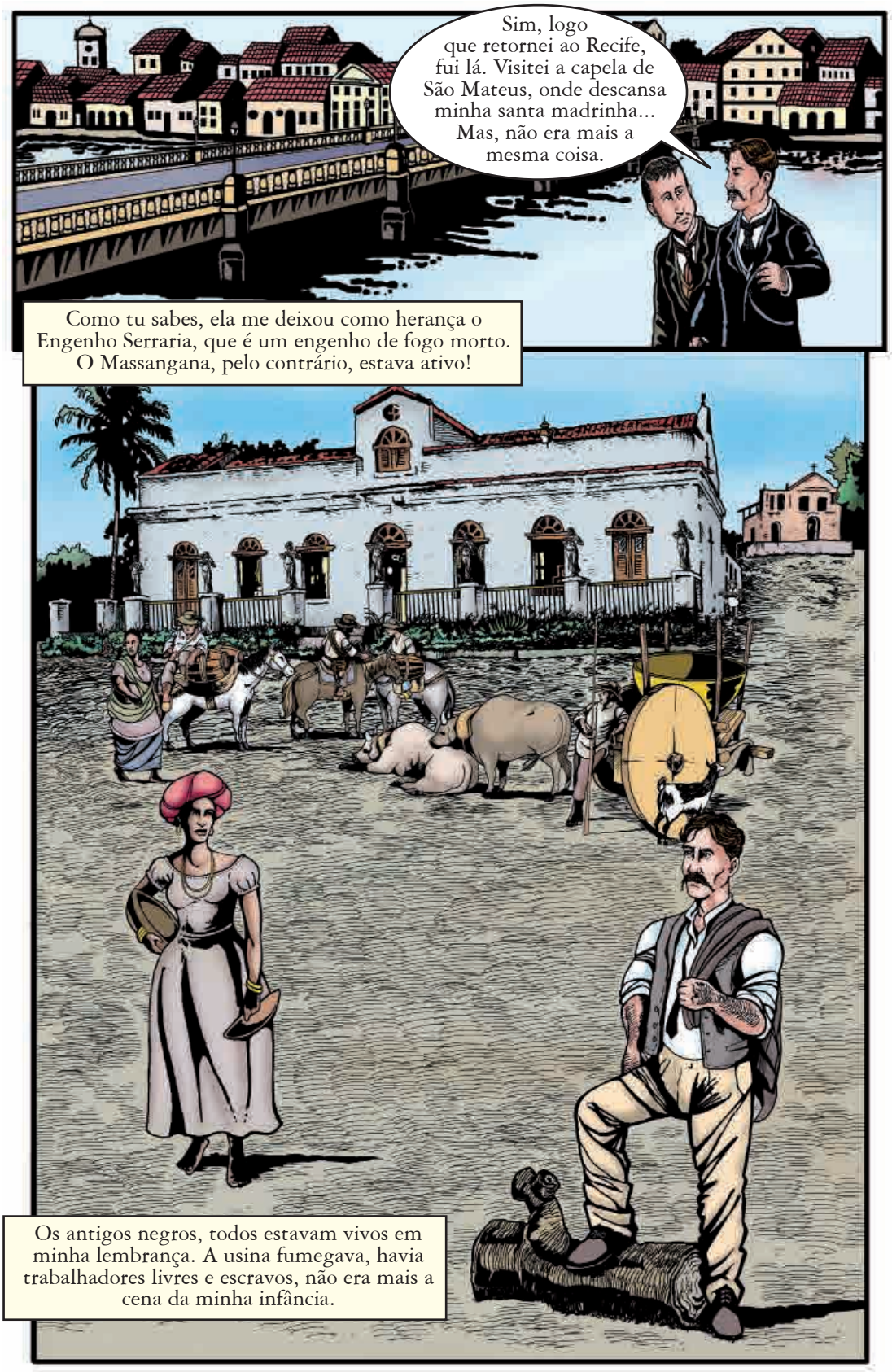

Na verdade, não cometeu um crime: removeu um obstáculo.
Parabéns, Joaquim. Você conseguiu que o negro Tomás fosse condenado às galés perpétuas e livrou-o da forca.
Obrigado, Sancho. Para um escravo, entre a vida nas galés e a escravidão, não há tanta diferença assim. Mas, para a causa da abolição, esta foi uma grande vitória!

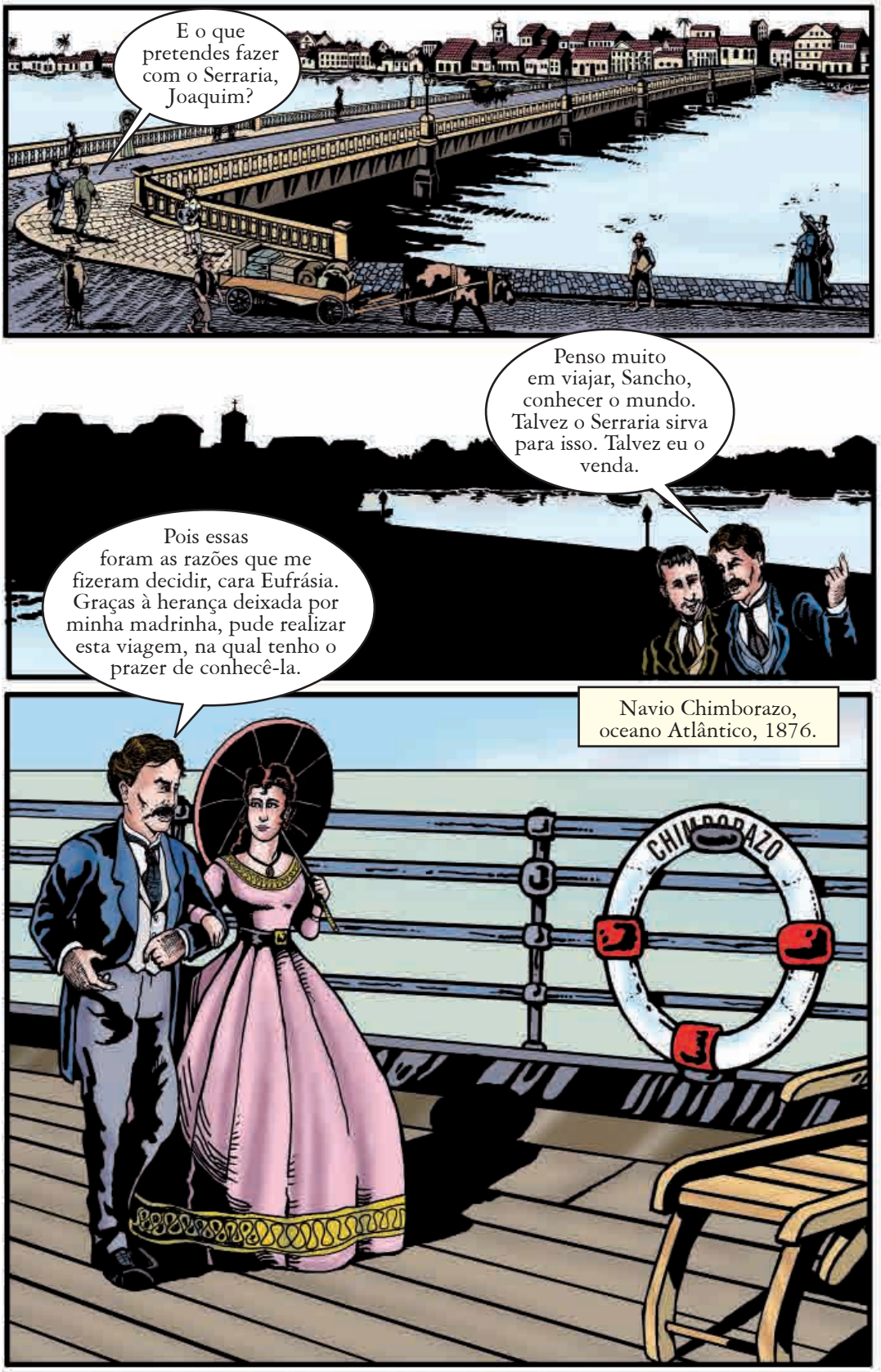
Sabe, Sancho, certas cenas a gente nunca esquece. Elas nos marcam e moldam nossas vidas. Quando minha madrinha morreu, em 1857, percebi a relação que havia entre os escravos e os senhores, como uns dependiam dos outros.

Minha madrinha era o centro do mundo deles. Mudar de senhor era, para aquelas pessoas, o que de pior lhes podia acontecer.

Para mim, também terminava meu mundo. Com a morte dela, fui para o Rio de Janeiro e só voltei ao Recife há dois anos.

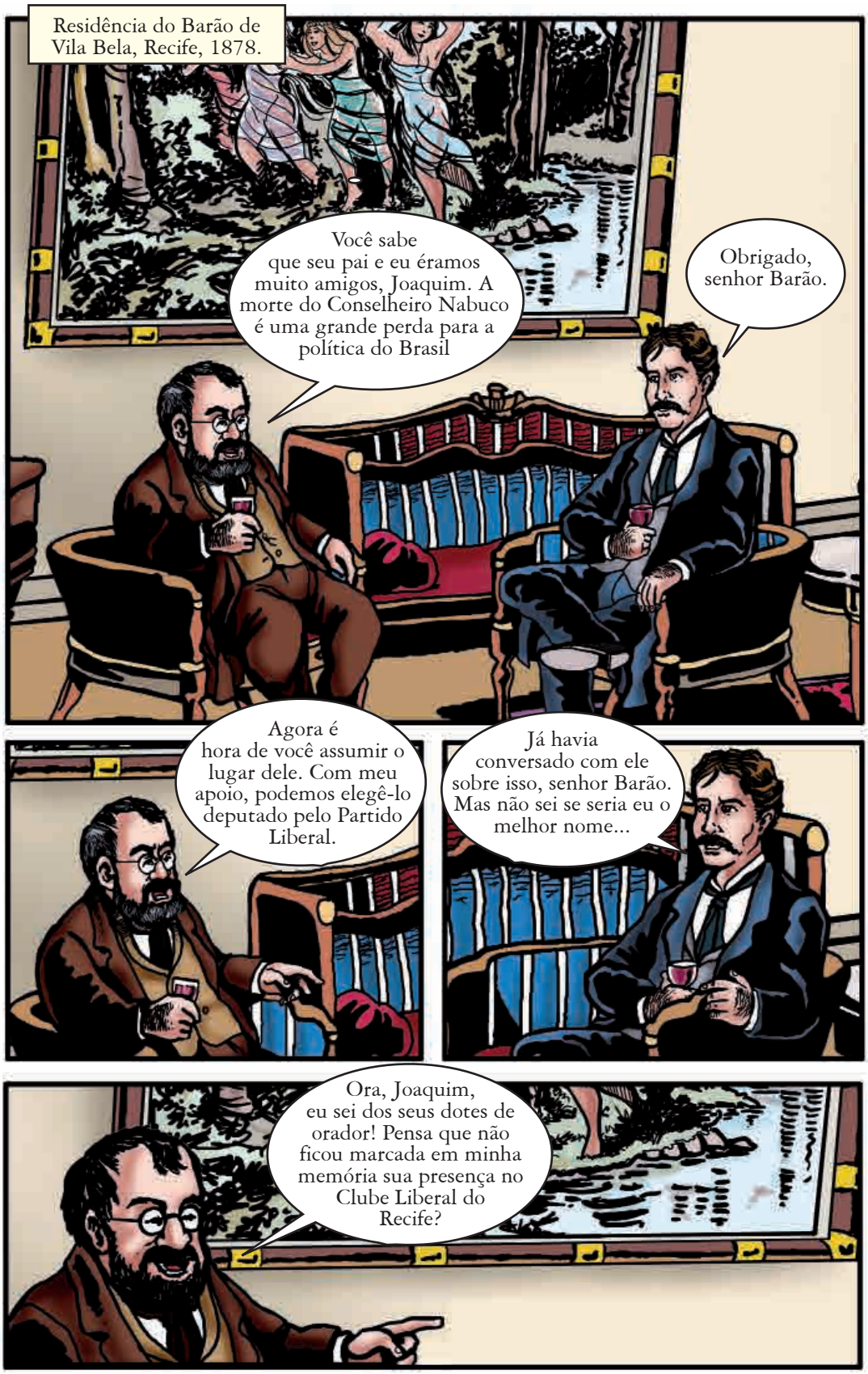
E nunca mais voltaste ao Engenho Massangana, Joaquim?


Sim, logo que retornei ao Recife, fui lá. Visitei a capela de São Mateus, onde descansa minha santa madrinha... Mas, não era mais a mesma coisa.
Como tu sabes, ela me deixou como herança o Engenho Serraria, que é um engenho de fogo morto. O Massangana, pelo contrário, estava ativo!
Os antigos negros, todos estavam vivos em minha lembrança. A usina fumegava, havia trabalhadores livres e escravos, não era mais a cena da minha infância.


E o que pretendes fazer com o Serraria, Joaquim?
Penso muito em viajar, Sancho, conhecer o mundo. Talvez o Serraria sirva para isso. Talvez eu o venda.
Pois essas foram as razões que me fizeram decidir, cara Eufrásia. Graças à herança deixada por minha madrinha, pude realizar esta viagem, na qual tenho o prazer de conhecê-la.
Navio Chimborazo, oceano Atlântico, 1876.
CHIMBORAZO

Sua companhia é muito agradável, senhor Nabuco, apesar de as suas ideias serem um tanto ousadas. É verdade que já as publicou?
Sim. Ainda no Recife publiquei um libreto, "A Escravidão" e depois, no Rio, colaborei no jornal "A Reforma".
CHIMBORAZO
Quando voltar ao país, após este ano na Europa, creio que irei retornar com renovado espírito de luta.
Meu pai, o Barão de Vassouras, se espantaria com suas ideias sobre acabar com a escravidão, senhor Nabuco. Eu mesma, muito me espanto. Mas gostaria de ter notícias suas sempre. Como lhe disse, passo mais tempo em Paris do que no Brasil.
CHIMBORAZO

Pois saiba, senhorita Eufrásia, que aqui terá sempre um correspondente fiel. Prometo escrever-lhe sempre.
O senhor é um *gentleman*, sen hor Nabuco! E já sabe o que fará quando retornar ao Brasil?
Tenho alguns contatos que talvez me permitam ocupar alguma função pública.
Mas, acima de tudo, pretendo continuar com a luta pelo fim da escravidão no Brasil.


Residência do Barão de Vila Bela, Recife, 1878.
Você sabe que seu pai e eu éramos muito amigos, Joaquim. A morte do Conselheiro Nabuco é uma grande perda para a política do Brasil
Obrigado, senhor Barão.
Agora é hora de você assumir o lugar dele. Com meu apoio, podemos elegê-lo deputado pelo Partido Liberal.
Já havia conversado com ele sobre isso, senhor Barão. Mas não sei se seria eu o melhor nome...
Ora, Joaquim, eu sei dos seus dotes de orador! Pensa que não ficou marcada em minha memória sua presença no Clube Liberal do Recife?

Ah, sim, lembro-me daquele dia... As duas alas do partido não chegavam a um acordo e já iam abandonar o recinto...
Então, você subiu em um banco e perguntou em latim: "QUO VADIS?" Aonde vão? E eles pararam e deram ouvidos a você.
O senhor barão soube me convencer. Eu aceito sua proposta. E tenho certeza de que, com o seu apoio, venceremos!
E eu também sei dos seus ideais sobre a abolição. Pense: você terá uma tribuna para defender suas ideias!

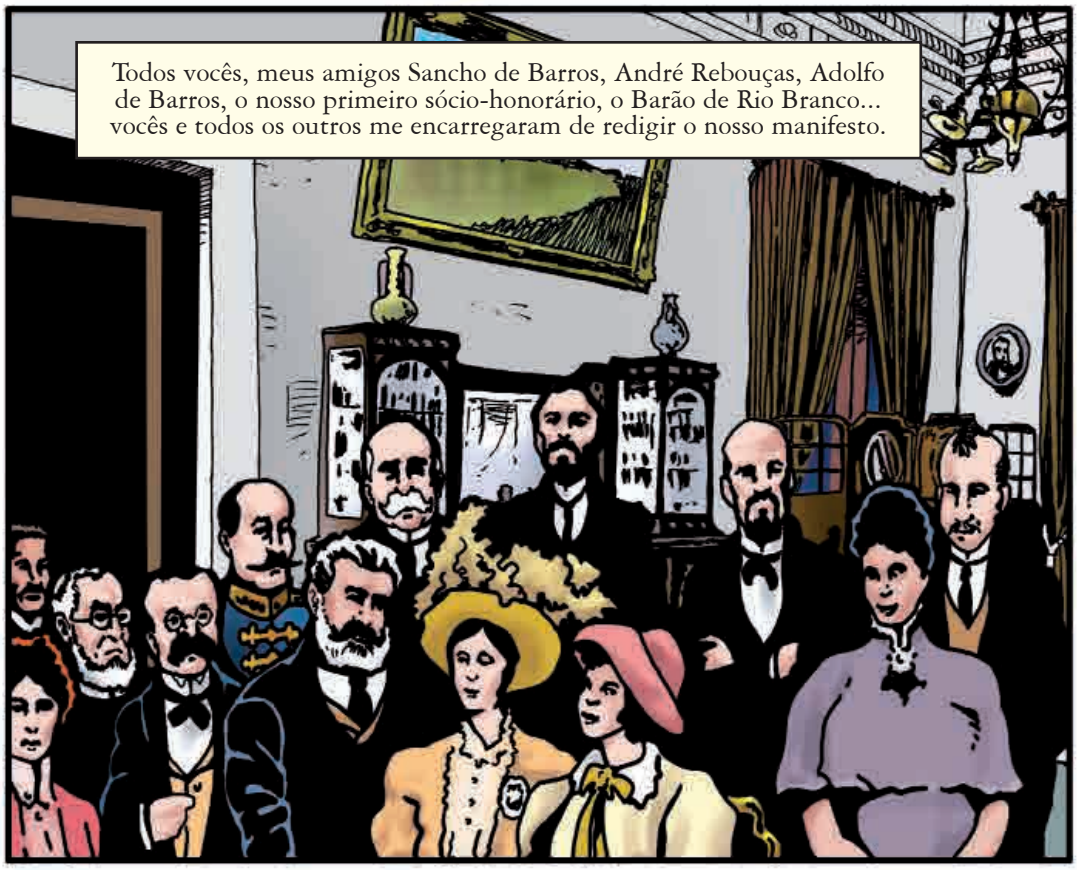
Câmara dos Deputados.
Gabinete do Visconde de Sinimbu,
Rio de Janeiro, 1880.
Este jovem, filho do Conselheiro Nabuco, tem sido um estorvo para os meus projetos.
Sim, senhor Visconde, o jovem Nabuco, apesar de ser do mesmo partido que o senhor, se opõe ferrenhamente às suas ideias.
Suas ideias são liberais em excesso! Ele diz: "o Visconde de Sinimbu está aliado aos conservadores" simplesmente porque eu não concordo com suas ideias abolicionistas!

Ele quer uma abolição radical, quando eu defendo uma gradual, com indenizações. Defende a liberdade religiosa e também as eleições diretas.
Os liberais mais radicais acusam Nabuco de ser monarquista, senhor Visconde, e dizem que é muito vaidoso.
Foi contra a ideia de mandarmos uma missão à China para estimular a imigração chinesa para cá, dizendo que seria uma semiescravidão. Ele acredita que possamos manter a Monarquia, sem a mão-de-obra escrava!
Inclusive, correm na Corte vários boatos: dizem que ondula os cabelos, usa pulseiras de ouro, passa brilhantina nos bigodes... Chegam a lhe dar o apelido de "Quincas, o Belo".

Basta! Se vamos derrotá-lo será no campo das ideias e não inventando histórias sobre ele!
Pelo que eu soube, ele agora fundou uma espécie de sociedade e está se reunindo com outros abolicionistas radicais...
Residência de Joaquim Nabuco – Flamengo, Rio de Janeiro, 1880.
Meus caros amigos, estamos aqui reunidos para a fundação da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

Ela já é um imperativo categórico para os magistrados e os padres...

Já tem afinidades profundas com o mundo operário e com o Exército, cujos membros são recrutados, de preferência, entre os homens de cor.

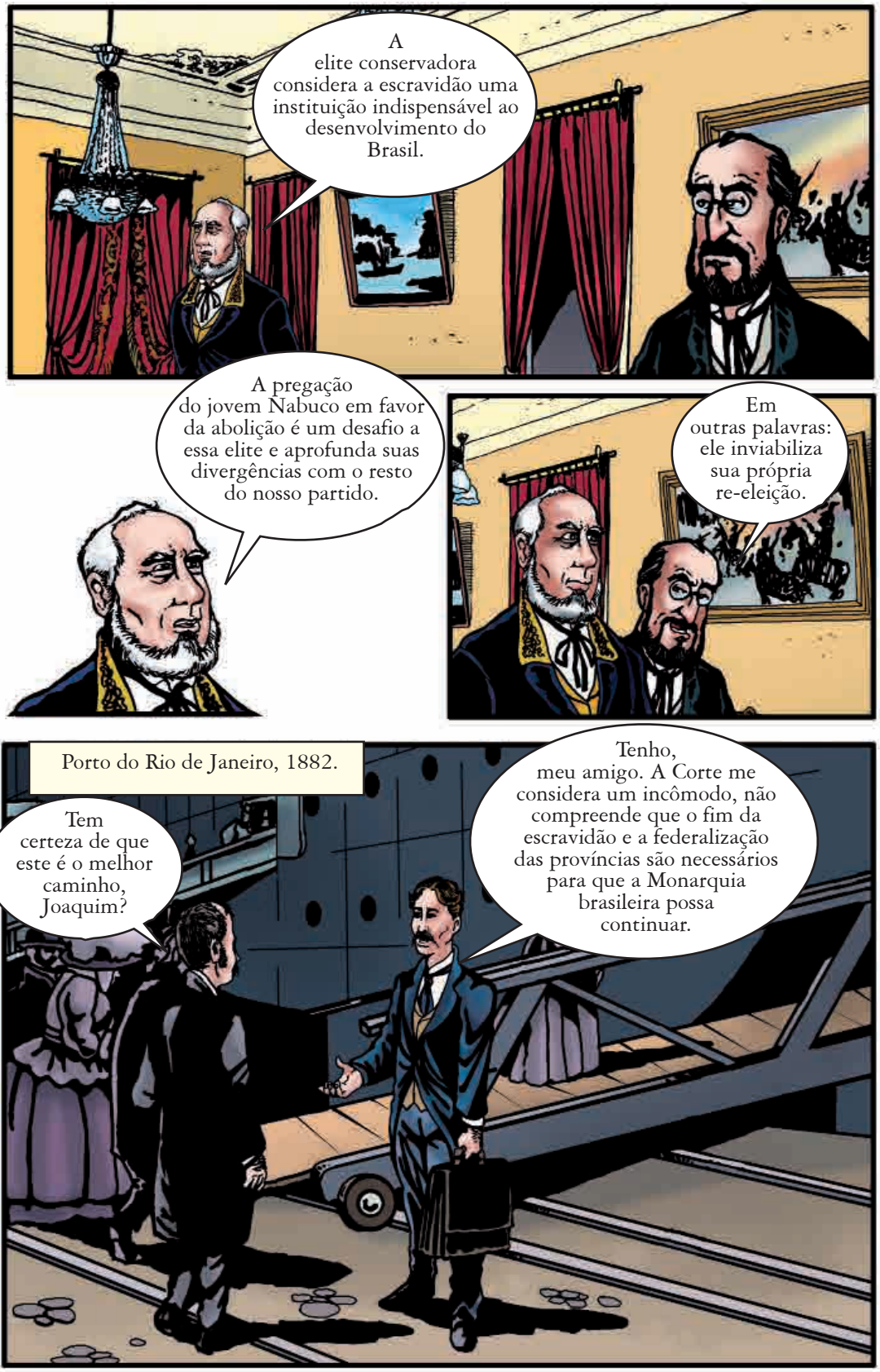

Todos vocês, meus amigos Sancho de Barros, André Rebouças, Adolfo de Barros, o nosso primeiro sócio-honorário, o Barão de Rio Branco... vocês e todos os outros me encarregaram de redigir o nosso manifesto.

Ele está aqui!
Será publicado em três línguas, português, inglês e francês, no *Rio News* e no *Messagér du Brésil*.
Deixem-me ler um trecho para vocês...

Inúmeros africanos, que foram criminosamente importados, estão empregados na lavoura, e os filhos desses escravizados constituem uma nova geração de escravos.

Nem mesmo a desculpa de que a escravidão é uma propriedade legal existe em favor dela: ela é, pelo contrário, ilegal e criminosa.

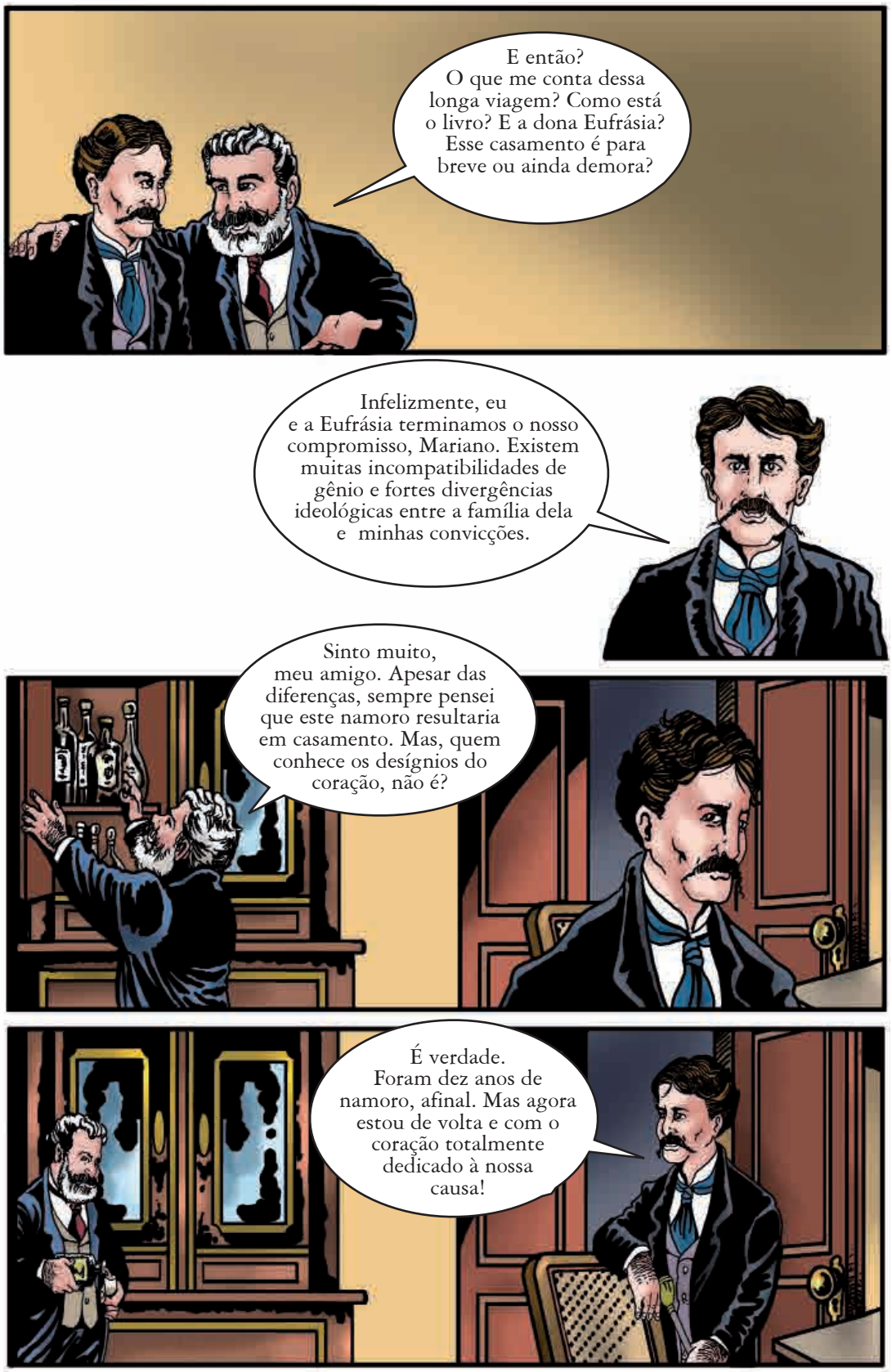
Ilegal e criminosa em uma escala tão grande que a simples revisão dos títulos de propriedade bastaria para extingui-la.

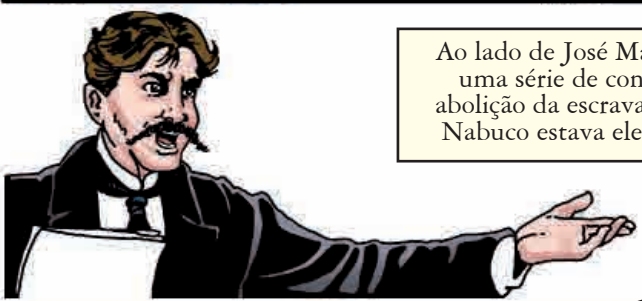

A elite conservadora considera a escravidão uma instituição indispensável ao desenvolvimento do Brasil.
A pregação do jovem Nabuco em favor da abolição é um desafio a essa elite e aprofunda suas divergências com o resto do nosso partido.
Em outras palavras: ele inviabiliza sua própria re-eleição.
Porto do Rio de Janeiro, 1882.
Tem certeza de que este é o melhor caminho, Joaquim?
Tenho, meu amigo. A Corte me considera um incômodo, não compreende que o fim da escravidão e a federalização das províncias são necessários para que a Monarquia brasileira possa continuar.

Não consegui me eleger e não me parece bem ficar aqui. Prefiro ir para Londres. Me autoexilar, por algum tempo.
Manteremos acesa a chama da causa abolicionista enquanto você estiver longe, Joaquim.
Não esperava outra coisa de você, meu amigo. Até a volta.
Joaquim Nabuco permaneceu em Londres por dois anos, trabalhando como advogado e jornalista representante do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Londres, 1884
Então vai mesmo retornar ao seu país, Mr. Nabuco?
Sim. Estes dois anos aqui foram muito bons para mim, mas já é hora de retornar à arena da luta pela Abolição.
Teremos eleições este ano e pretendo concorrer.
E quanto ao livro que estava escrevendo? Conseguiu concluir?
Sim. Tem por título "O Abolicionista" e já está no prelo. Enviar-lhe-ei um exemplar do Brasil, logo que esteja impresso.

Recife, Pernambuco, 1884.
Sede do Partido Liberal - Gabinete do líder José Mariano
Doutor José Mariano, o senhor não imagina quem está aqui.
Olá, Mariano.
Nabuco! Mas, que grata surpresa! Seja bem vindo de volta à luta!


E então?
O que me conta dessa longa viagem? Como está o livro? E a dona Eufrásia? Esse casamento é para breve ou ainda demora?
Infelizmente, eu e a Eufrásia terminamos o nosso compromisso, Mariano. Existem muitas incompatibilidades de gênio e fortes divergências ideológicas entre a família dela e minhas convicções.
Sinto muito, meu amigo. Apesar das diferenças, sempre pensei que este namoro resultaria em casamento. Mas, quem conhece os desígnios do coração, não é?
É verdade. Foram dez anos de namoro, afinal. Mas agora estou de volta e com o coração totalmente dedicado à nossa causa!



Ao lado de José Mariano, Nabuco dedica-se a realizar uma série de conferências e discursos em favor da abolição da escravatura no Brasil. Apurada a votação, Nabuco estava eleito para a Câmara dos Deputados.

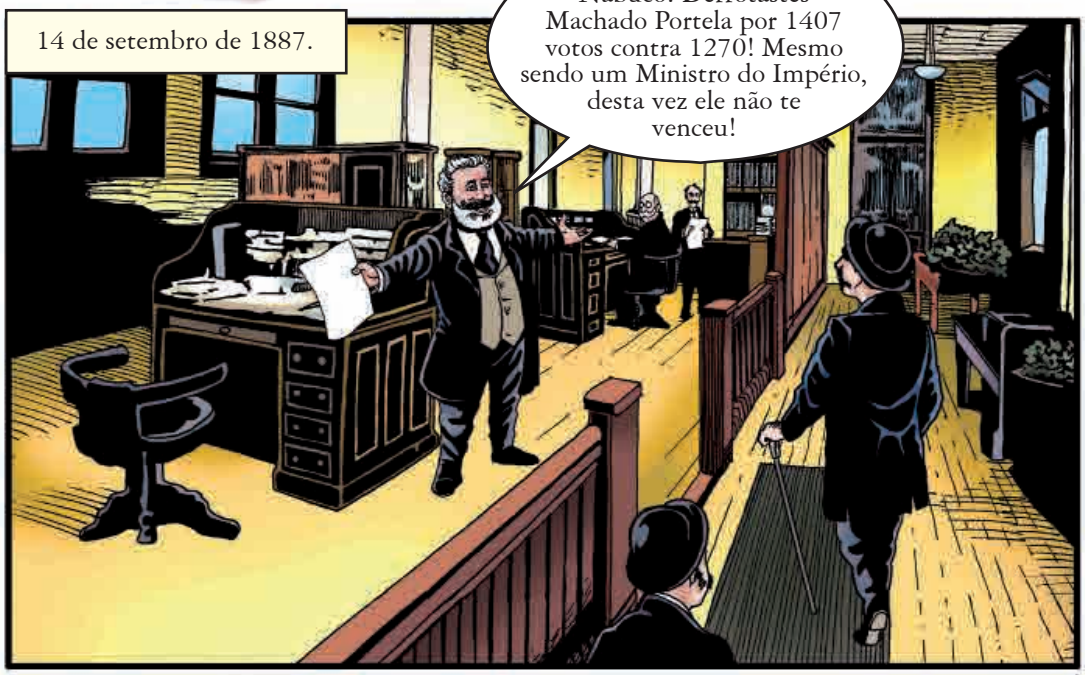
Tem razão, Nabuco. Sua série de conferências foi decisiva para a nossa vitória. Acho muito boa essa sua ideia de reuni-las em um novo livro.
Joaquim! Mariano! Trago terríveis notícias!
O que houve, Sancho?
Uma manobra inesperada. Expurgaram você, Joaquim. Não poderá assumir a cadeira que conquistou na Câmara!
As elites conservadoras não se conformam com a derrota! Mas não nos impedirão de lutar!
Vamos mobilizar o partido e haveremos de reverter essa situação, Nabuco. Não se preocupe.
A luta pela Abolição é longa, meus amigos. Não esmoreceremos e vamos vencer!

Rio de Janeiro, 1885
E foi assim que aconteceu, meu caro Ruy Barbosa. Os líderes liberais de Nazaré e Bom Jardim renunciaram em meu favor e, com isso, reconquistamos minha cadeira no Parlamento. Graças a eles, posso continuar nossa luta pelo fim da escravidão.
Sim, o momento é propício para as ideias abolicionistas, Nabuco. Esse novo projeto que o Gabinete Dantas está apresentando é uma boa oportunidade.
O Projeto de Lei para a libertação dos escravos com mais de 60 anos?
Isso, a chamada Lei dos Sexagenários. Temos que apoiá-lo na imprensa.

Certo.
E temos que fazer uma grande campanha para evitar que os conservadores alterem o projeto.
Será uma derrota para o governo e não creio que o Imperador aceite isso facilmente, Nabuco.
É verdade.
Mas, você conhece minha posição: depois da Abolição, devemos lutar pela libertação das províncias.
Claro, seu projeto da federalização.
Isso mesmo.
Será o meu passo seguinte.
Espero ser re-eleito no próximo ano para iniciar logo esta nova etapa da minha luta por um Brasil maior e mais justo.

As eleições de 1886, no entanto, não são favoráveis para os sonhos de Nabuco.
Sede do Partido Liberal - Recife - Pernambuco
Infelizmente, perdemos, Nabuco. Desta vez, os conservadores nos derrotaram.
Perdemos apenas uma batalha, Mariano. Apenas uma, das muitas batalhas.
Quando o Imperador destituiu Dantas e a Câmara aprovou as modificações feitas no projeto dos sexagenários, já podíamos prever algo assim.
Por estes caminhos também chegaremos à Abolição, apesar de não serem os ideais.
Pois eles também fortalecem o caminho para a República e você sabe que isso não tem o meu apoio.

Durante o ano de 1886, Nabuco dedicou-se ao jornalismo, escrevendo artigos em que identificava a Monarquia com a escravidão e fazia críticas ao governo, os quais tiveram como títulos "O erro do Imperador", "O colapso do abolicionismo" e "Eleições Liberais e eleições conservadoras".



Não venceu porque nossa causa é justa, Mariano. João Alfredo me prometeu que irá assumir a presidência do gabinete do Império para abolir a escravidão.
Você acredita mesmo nisso, Joaquim? Afinal, ele é do Partido Conservador...
É verdade, Nabuco. Você acredita que um gabinete conservador fará a abolição da escravidão?
Ele é um homem sério, meus amigos. Garantiu-me que fará a Abolição, sem indenização aos proprietários de escravos.
A causa da Abolição deve aproveitar todas as oportunidades. O gabinete João Alfredo é uma delas.

Mas tu és um liberal, Joaquim! Como irás te sentir apoiando um governo Conservador?
Eu acredito nele, Mariano. Pela Abolição, estou disposto a apoiar João Alfredo, mesmo eu sendo um Liberal e ele, um Conservador.
E, pelas informações que tenho, temos um grande apoio: a Princesa Isabel também está conosco nesta causa!
Mas hoje é dia de festa, vamos comemorar minha eleição. Já sinto o cheiro dos ventos da Abolição no ar!

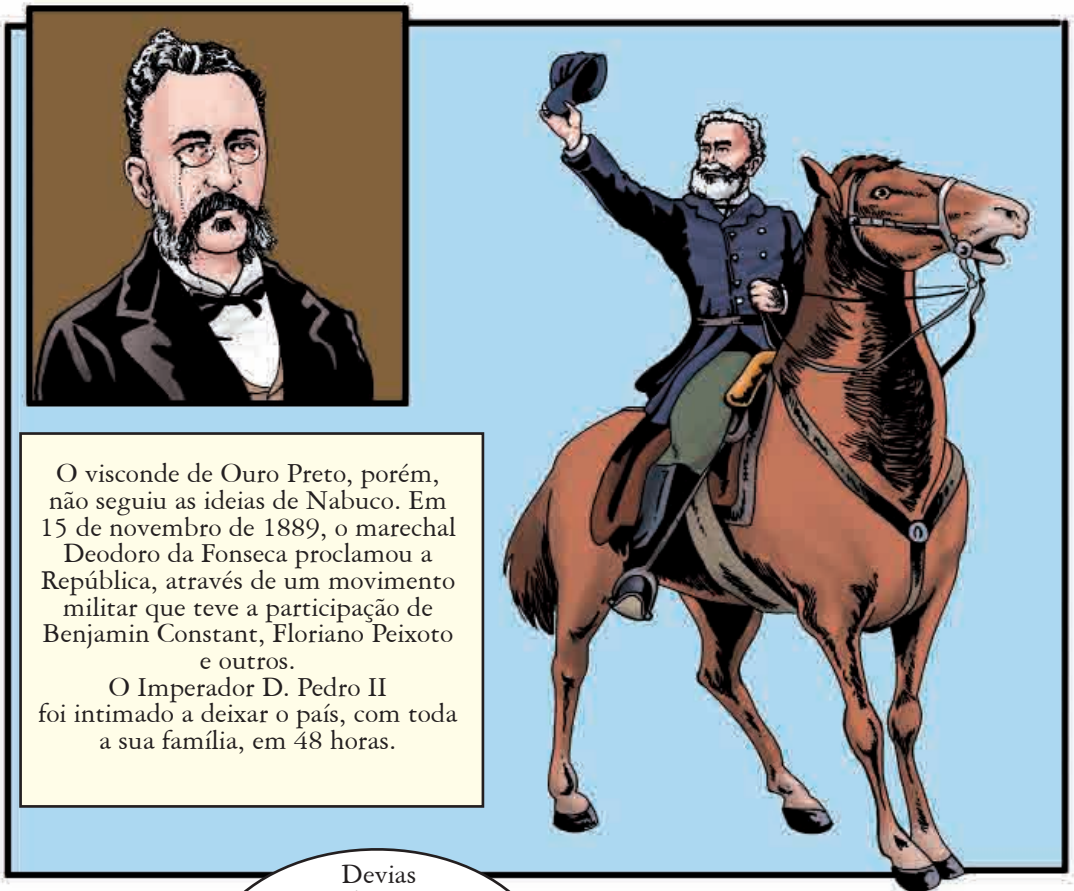
Da tribuna da Câmara, Nabuco dedica-se a defender a causa da Abolição e criar condições para apoiar João Alfredo, que, em 10 de março de 1888 chega ao poder.

Na pena do artista italiano radicado no Brasil, Angelo Agostini, o mais famoso caricaturista do Império, Nabuco e sua luta pelo fim da escravidão no Brasil são temas constantes.

Gabinete de João Alfredo, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1888.
Conseguimos, João Alfredo! Finalmente, a nossa causa está vitoriosa!
É verdade, Nabuco. Ainda hoje, a princesa Isabel estará assinando a lei que extingue esta prática em todo o Brasil.

Naquele dia, Joaquim Nabuco viu o sonho ao qual dedicara toda sua vida tornar-se uma realidade, através da Lei 3353, chamada de Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.
Em todo o Brasil, as comemorações foram enormes. No Largo do Paço, uma multidão de aproximadamente dez mil pessoas reuniu-se, carregando cartazes e agitando ramos de uma planta verde e amarela chamada independência.

Residência do Barão de Inhoá, Março de1889.
Querida Evelina, agora que concluí minha luta, posso pedi-la em casamento. Espero sua resposta amanhã, na frente da matriz. Responda-me apenas "sim" ou "não".
23 de abril de 1889.
Este, para mim, também é um grande dia, minha querida. Com você ao meu lado, renovo meu ânimo para enfrentar a missão que tenho pela frente.
06 de junho de 1889.
O gabinete de João Alfredo caiu, Nabuco. Os ex-proprietários de escravos estão criando problemas.
O Imperador chamou oVisconde de Ouro Preto para presidir o Conselho de Ministros, Mariano. Tenho certeza de que, como um Liberal, ele terá visão suficiente para compreender que a federalização das províncias é nossa única saída.



O visconde de Ouro Preto, porém, não seguiu as ideias de Nabuco. Em 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República, através de um movimento militar que teve a participação de Benjamin Constant, Floriano Peixoto e outros.
O Imperador D. Pedro II foi intimado a deixar o país, com toda a sua família, em 48 horas.

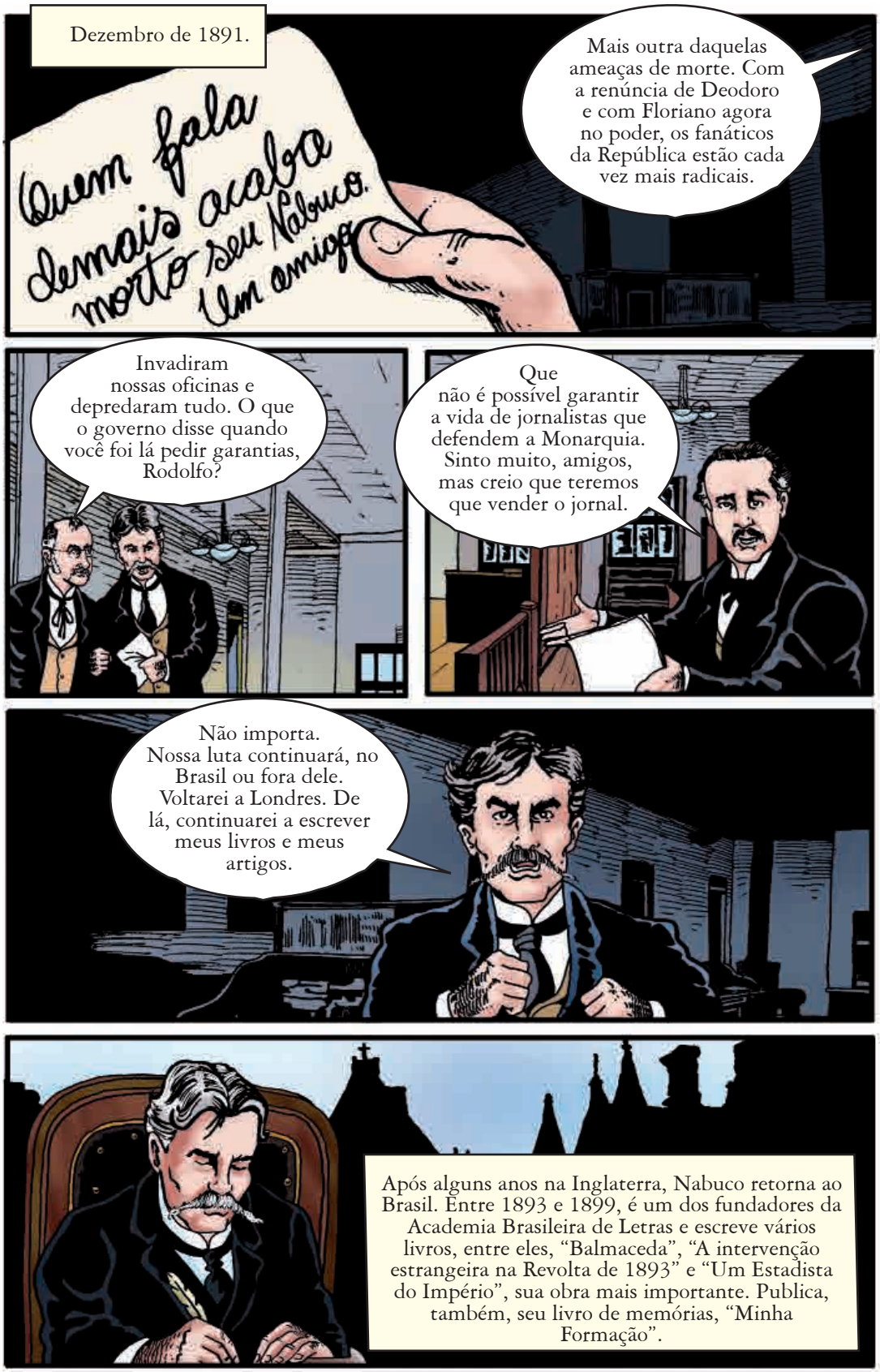
Redação do *Jornal do Brazil*, junho de 1891.

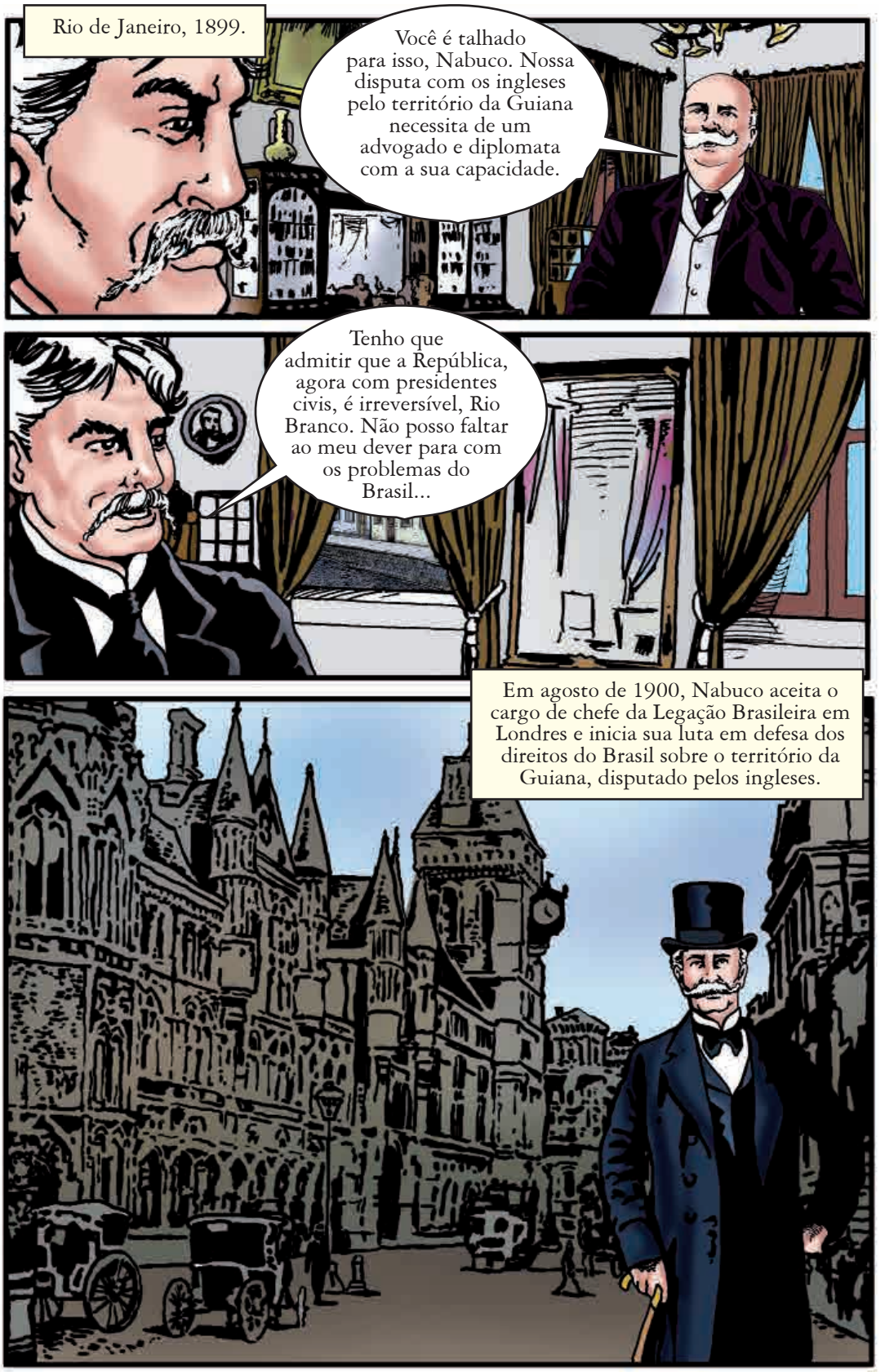
Que bom que você aceitou ser o chefe de redação do nosso jornal, Joaquim. Sancho e eu o criamos para informar a população e defender, de forma moderada, a restauração da Monarquia.

Sim, caro Rodolfo. Daqui, continuarei minha luta.

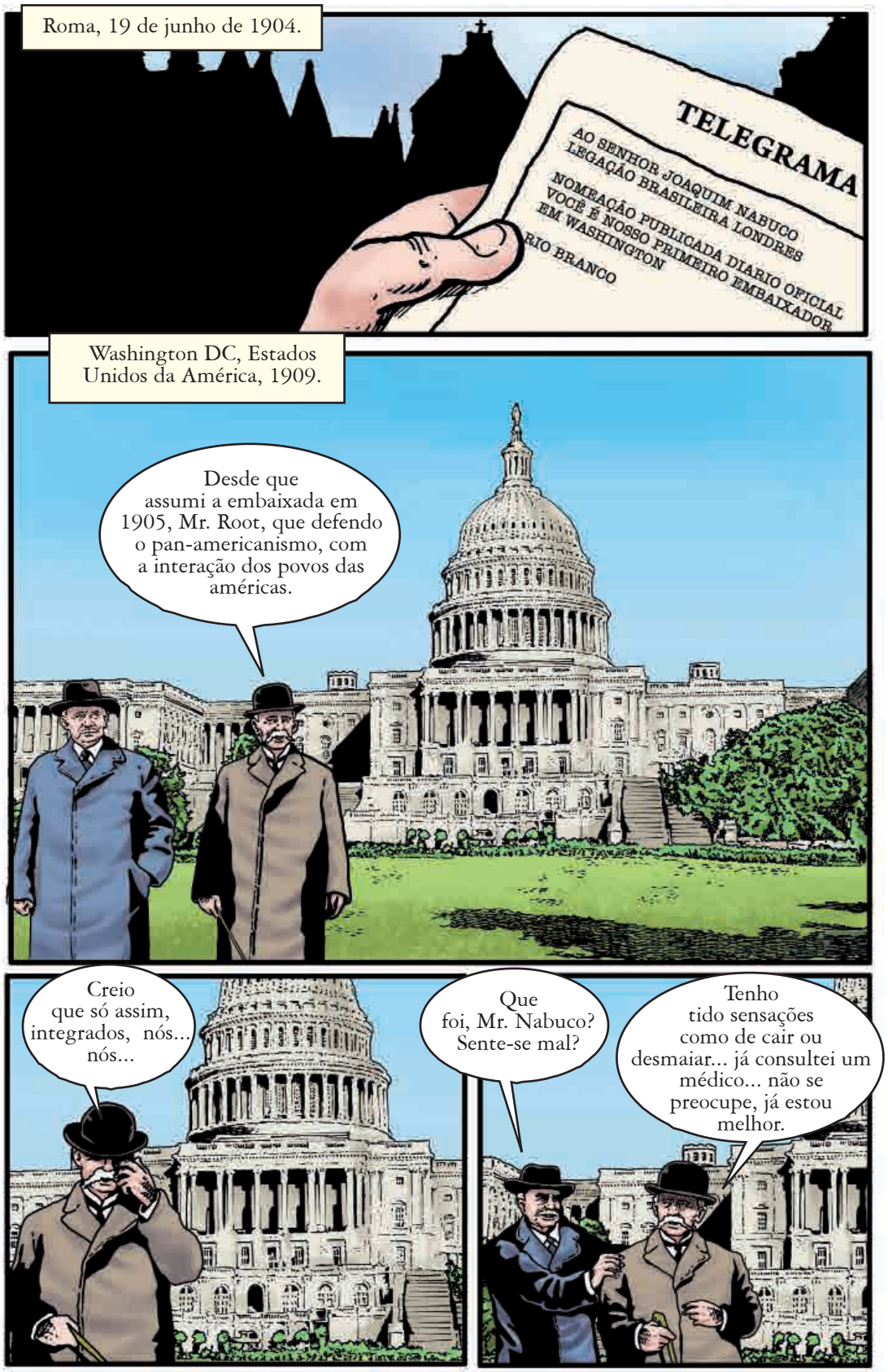
JORNAL DO BRAZIL

A morte do Imperador Pedro II, em 05 de dezembro daquele ano, em seu exílio, em Paris, apanha os monarquistas de surpresa. No *Jornal do Brazil*, Joaquim Nabuco, Sancho de Barros e Rodolfo Dantas posicionam-se cada vez mais claramente pela restauração da Monarquia.

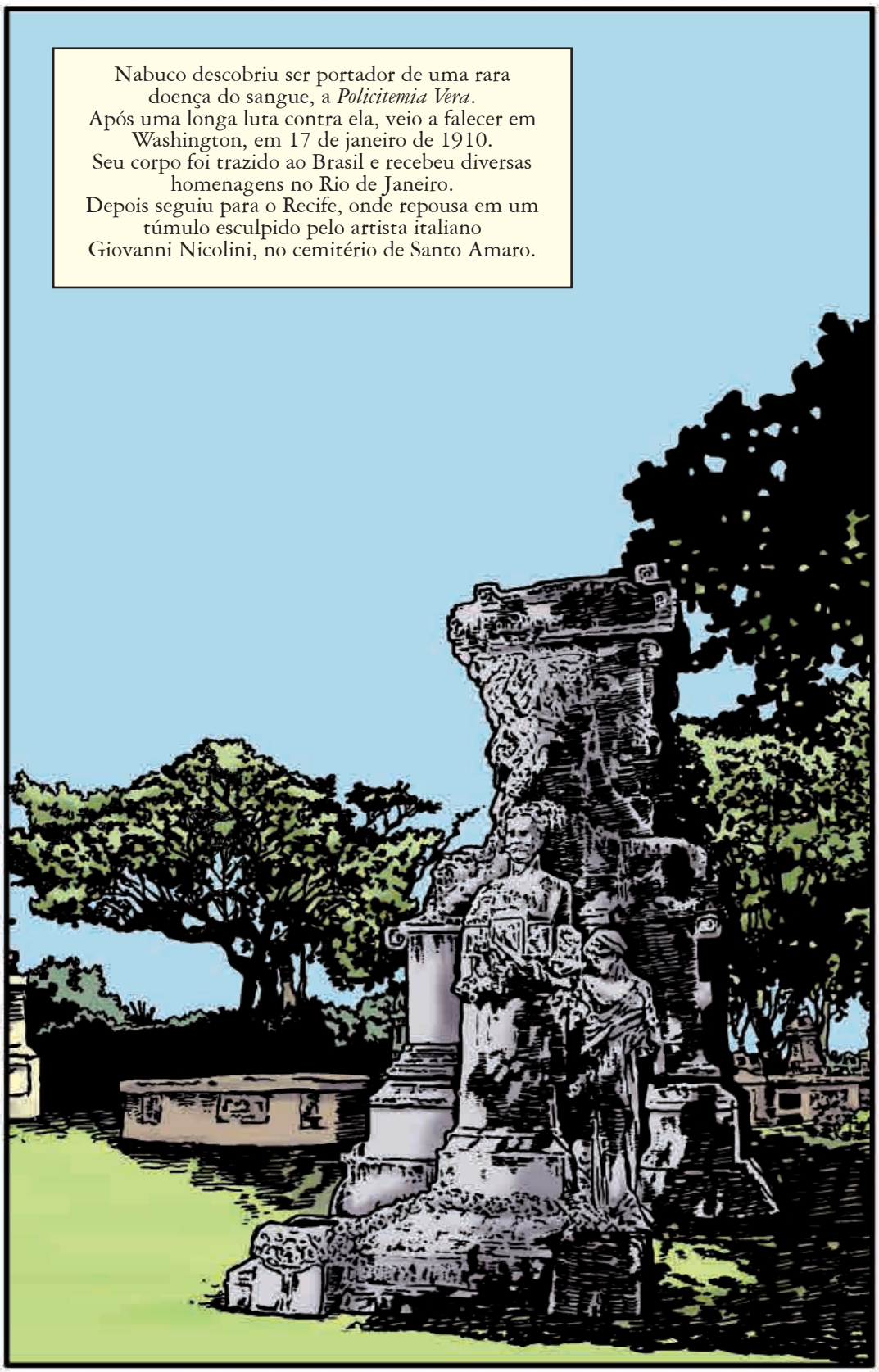

Dezembro de 1891.
Quem fala demais acaba morto seu Nabuco.
Um amigo
Mais outra daquelas ameaças de morte. Com a renúncia de Deodoro e com Floriano agora no poder, os fanáticos da República estão cada vez mais radicais.
Invadiram nossas oficinas e depredaram tudo. O que o governo disse quando você foi lá pedir garantias, Rodolfo?
Que não é possível garantir a vida de jornalistas que defendem a Monarquia. Sinto muito, amigos, mas creio que teremos que vender o jornal.
Não importa. Nossa luta continuará, no Brasil ou fora dele. Voltarei a Londres. De lá, continuarei a escrever meus livros e meus artigos.
Após alguns anos na Inglaterra, Nabuco retorna ao Brasil. Entre 1893 e 1899, é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e escreve vários livros, entre eles, "Balmaceda", "A intervenção estrangeira na Revolta de 1893" e "Um Estadista do Império", sua obra mais importante. Publica, também, seu livro de memórias, "Minha Formação".

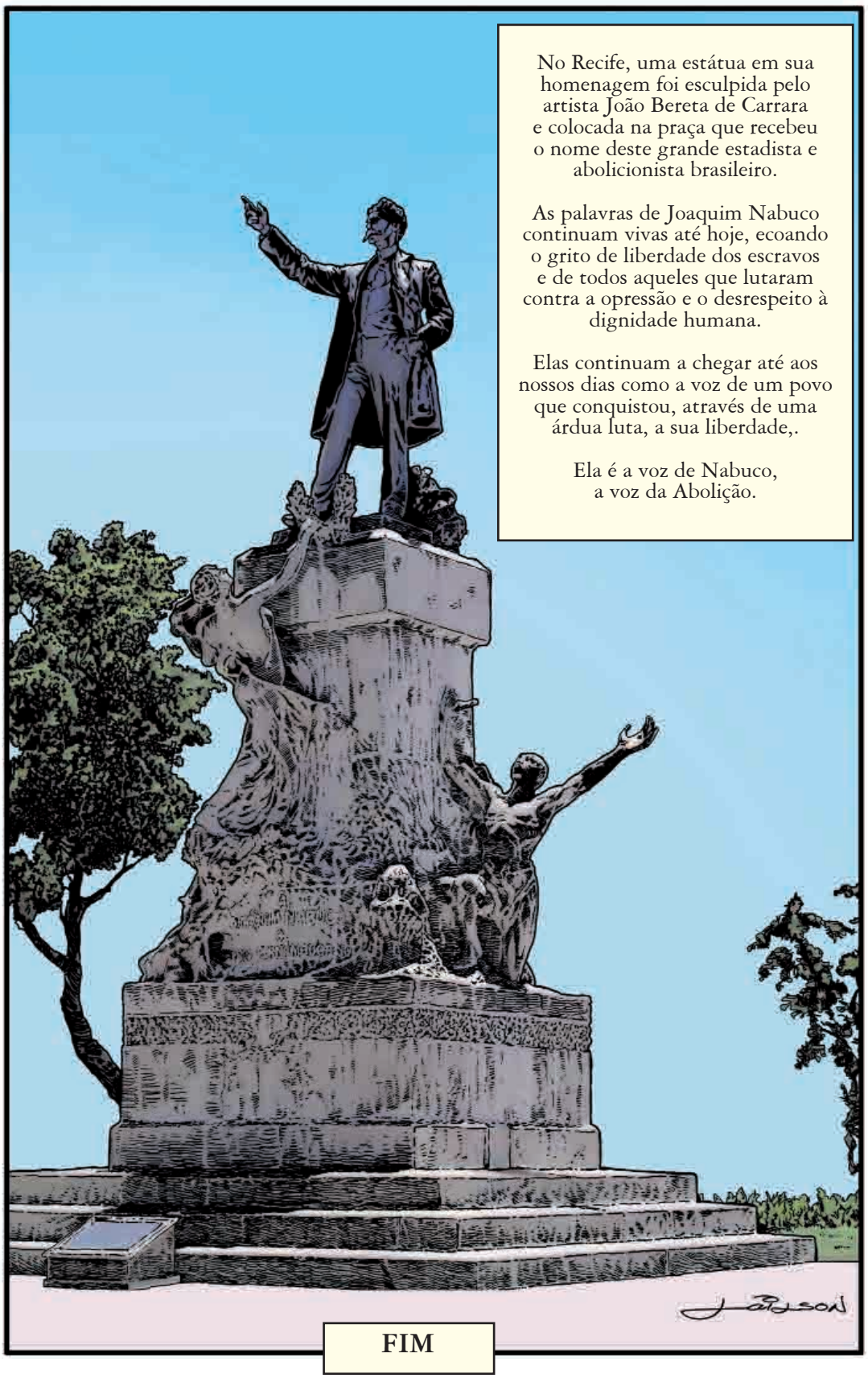

Rio de Janeiro, 1899.
Você é talhado para isso, Nabuco. Nossa disputa com os ingleses pelo território da Guiana necessita de um advogado e diplomata com a sua capacidade.
Tenho que admitir que a República, agora com presidentes civis, é irreversível, Rio Branco. Não posso faltar ao meu dever para com os problemas do Brasil...
Em agosto de 1900, Nabuco aceita o cargo de chefe da Legação Brasileira em Londres e inicia sua luta em defesa dos direitos do Brasil sobre o território da Guiana, disputado pelos ingleses.

Durante os quatro anos seguintes, Nabuco dedica-se a essa causa, publicando, inclusive, o livro *O Direito do Brasil.* Finalmente, em 14 de junho de 1904, o rei Victor Emanuel da Itália, árbitro indicado para a questão, decide pela divisão em 3/5 para a Grã-Bretanha e 2/5 para o Brasil.
Lamentável, Rio Branco. O rei decidiu errado. Minha defesa mostra que o Brasil tinha razão.
O rei era o árbitro e tomou sua decisão. Mas seu trabalho foi perfeito, Nabuco. Vamos abrir nossa primeira embaixada nos Estados Unidos e seu nome está sendo cogitado para o cargo.

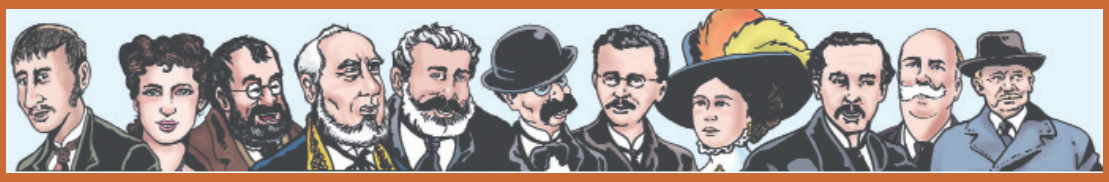

Roma, 19 de junho de 1904.
TELEGRAMA
AO SENHOR JOAQUIM NABUCO
LEGAÇÃO BRASILEIRA LONDRES
NOMEAÇÃO PUBLICADA DIARIO OFICIAL
VOCÊ É NOSSO PRIMEIRO EMBAIXADOR
EM WASHINGTON
RIO BRANCO
Washington DC, Estados Unidos da América, 1909.
Desde que assumi a embaixada em 1905, Mr. Root, que defendo o pan-americanismo, com a interação dos povos das américas.
Creio que só assim, integrados, nós... nós...
Que foi, Mr. Nabuco? Sente-se mal?
Tenho tido sensações como de cair ou desmaiar... já consultei um médico... não se preocupe, já estou melhor.

Nabuco descobriu ser portador de uma rara doença do sangue, a *Policitemia Vera*.
Após uma longa luta contra ela, veio a falecer em Washington, em 17 de janeiro de 1910.
Seu corpo foi trazido ao Brasil e recebeu diversas homenagens no Rio de Janeiro.
Depois seguiu para o Recife, onde repousa em um túmulo esculpido pelo artista italiano Giovanni Nicolini, no cemitério de Santo Amaro.




No Recife, uma estátua em sua homenagem foi esculpida pelo artista João Bereta de Carrara e colocada na praça que recebeu o nome deste grande estadista e abolicionista brasileiro.
As palavras de Joaquim Nabuco continuam vivas até hoje, ecoando o grito de liberdade dos escravos e de todos aqueles que lutaram contra a opressão e o desrespeito à dignidade humana.
Elas continuam a chegar até aos nossos dias como a voz de um povo que conquistou, através de uma árdua luta, a sua liberdade,.
Ela é a voz de Nabuco, a voz da Abolição.
FIM

Alguns personagens da História



Sancho de Barros Pimentel — Amigo de juventude de Joaquim Nabuco, foi presidente das províncias do Piauí, Paraná e Ceará e um dos fundadores do *Jornal do Brazil*.

Eufrásia Teixeira Leite — Manteve longo relacionamento afetivo com Joaquim Nabuco.

Barão de Vila Bela — Presidente da província de Pernambuco, Domingos de Sousa Leão foi líder do Partido Liberal quando Nabuco iniciou suas atividades.

Visconde de Sinimbu — João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu foi presidente das províncias de Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Sul e primeiro ministro do Império.

José Mariano Carneiro da Cunha — Líder liberal e jornalista, José Mariano foi fundamental na luta pela abolição. Na República, foi deputado constituinte e prefeito do Recife.

Rui Barbosa de Oliveira — Jurista, diplomata, político e jornalista, teve grande atuação durante o Império. Com a República, foi ministro da Fazenda no governo do marechal Deodoro.

João Alfredo Correia de Oliveira — Deputado, presidente das províncias do Pará e de São Paulo. Como primeiro ministro, articulou a aprovação da Lei Áurea.

Evelina Torres Soares Ribeiro — Tornou-se esposa de Nabuco, em 1889.

Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas — Político e jornalista, foi ministro do Império.

Após a proclamação da República, foi um dos fundadores do *Jornal do Brazil*.

Barão do Rio Branco — José Maria da Silva Paranhos Júnior foi diplomata, cônsul e ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Elihu Root — Premiado com o Nobel da Paz em 1912, foi secretário de Estado dos EUA e trabalhou como jurista na criação do Tribunal Permanente de Justiça Internacional.

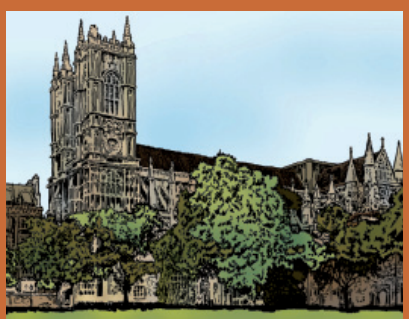
Os cenários

Engenho Massangana
Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco - Pág. 9

Faculdade de Direito de Recife
Recife, Pernambuco - Pág. 13

Bairro de Santo Antônio
Recife, Pernambuco, século XIX - Pág. 14

Ponte Velha
Recife, Pernambuco, século XIX - Pág. 20



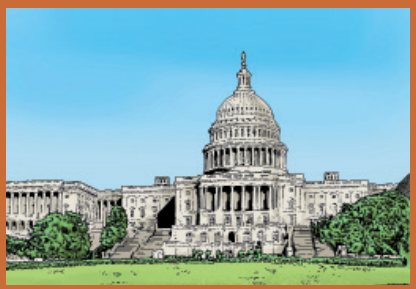
Catedral de Westminster
Londres, Inglaterra - Pág. 32

Teatro de Santa Izabel
Recife, Pernambuco - Pág. 36

Rio de Janeiro
Brasil, século XIX - Pág. 38

Rua de Londres
Inglaterra, início do século XX - Pág. 50

Piazza Colonna
Roma, Itália, início do século XX - Pág. 51



Capitólio
Washington DC, Estados Unidos da América -Pág. 52

Cronologia

1849 – 19 de agosto. Nasce Joaquim Nabuco, às 8h30 da manhã, filho do futuro senador José Tomás Nabuco de Araújo e de sua esposa, Ana Benigna de Sá Barreto. Os Nabuco de Araújo eram uma influente família baiana que dava senadores ao Império desde o Primeiro Reinado, e os Paes Barreto se constituíam em uma família de grande influência em Pernambuco, desde o século XVI, estando a ela vinculado Francisco Paes Barreto, último morgado do Cabo e marquês do Recife. Em 8 de dezembro, é batizado no Cabo, tendo como padrinhos os senhores do Engenho Massangana, Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho e d. Ana Rosa Falcão de Carvalho.

1857 – Transfere-se para o Rio de Janeiro, onde realiza os estudos de nível primário e secundário, em colégio dirigido pelo famoso Barão de Tauthphoeus.

1866 – Inicia os estudos de Direito na Faculdade de São Paulo, destacando-se entre os colegas como orador.

1869 – Transfere-se para a Faculdade de Direito do Recife. Escreve *A escravidão*, que permaneceu inédito até 1988. Escandaliza a elite local do seu tempo, por defender, em um júri, um escravo negro que assassinara o seu senhor.

1870 – 28 de janeiro. Diploma-se no Recife em Ciências Sociais e Jurídicas.

1872 – Publica o seu primeiro livro *Camões e os Lusíadas*. Anteriormente publicara dois opúsculos: *O gigante da Polônia*, em 1864, e *O povo e o trono*, em 1869. Publica ainda, naquele ano, *Le droit du meurtre*. Vai para a Europa por um ano, viajando, fazendo contatos com intelectuais e políticos.

1876 – 26 de abril. Obtém o seu primeiro cargo público, o de adido de legação nos Estados Unidos.

1878 – É eleito pela província de Pernambuco, passando a participar do parlamento. Inicia sua campanha contra a escravidão.

1880 – 7 de setembro. Organiza e instala em sua residência a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, desafiando a elite conservadora da época.

1882 – 1 de fevereiro. Derrotado nas eleições para a Câmara dos Deputados, parte para Londres onde escreve um dos seus principais livros, *O abolicionismo*, publicado em 1884.

1884 – Realiza a campanha para a Câmara dos Deputados defendendo a causa do

abolicionismo. Seus discursos e conferências são reunidos no livro *A campanha abolicionista*, em 1885. Vitorioso, é, entretanto, expurgado pela Câmara.

1885 – 7 de julho. A decisão dos chefes liberais dos municípios de Nazaré e Bom jardim, Ermírio Coutinho e Joaquim Francisco de Melo Cavalcanti, de renunciarem elege Joaquim Nabuco para a Câmara. Na Câmara dos Deputados, defende o Gabinete Dantas e o seu projeto de libertação dos sexagenários. Apresenta à Câmara dos Deputados um projeto de lei em favor da federação das províncias.

1886 – 15 de janeiro. Derrotado em eleição para a Câmara dos Deputados, escreve uma série de opúsculos publicados em 1886 (O erro do Imperador, O Eclipse do Abolicionismo e Eleições liberais e eleições conservadoras), identificando a Monarquia com a escravidão e fazendo sérias críticas ao governo.

1887 – 14 de setembro. Derrota Machado Portela, voltando à Câmara para concluir a sua pregação em favor da abolição.

1888 – 10 de março. O Gabinete João Alfredo assume o governo com o propósito deliberado de abolir a escravatura no Brasil. Nabuco o apoia, apesar de ser um Gabinete conservador, e dá uma grande contribuição à aprovação da Lei Áurea. Quando os ressentidos com a abolição se lançam contra João Alfredo, Nabuco vem em sua defesa, realizando, a 22 de maio de 1889, um dos seus mais memoráveis discursos na Câmara dos Deputados.

1889 – 28 de abril. Casa-se com d. Evelina Torres Soares Ribeiro, filha do Barão de Inhoã e fazendeiro em Maricá, na então província do Rio de Janeiro. É eleito deputado por Pernambuco para a última legislatura do Império, sem ir ao Recife e sem solicitar o apoio do eleitorado. Em 15 de novembro, é proclamada a República. Posiciona-se em favor da Monarquia, recusando-se, inclusive, a postular uma cadeira na Assembleia Constituinte de 1891. Justifica sua posição no opúsculo *Por que sou monarquista*.

1891 – 29 de junho. Passa a ser colaborador do *Jornal do Brazil*, fundado por Rodolfo Dantas, com a finalidade de defender, de forma moderada, a restauração da Monarquia. Volta à advocacia, abrindo escritório em sociedade com o conselheiro João Alfredo. Sem sucesso, fecham o escritório depois de um ano.

1892 – Viaja à Inglaterra com a família, aí permanecendo por alguns anos. Volta à Igreja Católica, que havia abandonado na juventude. O livro *Minha Fé*, publicado em 1986 pela Fundação Joaquim Nabuco, relata seu processo de conversão.

1895 – No auge das disputas entre monarquistas e republicanos, escreve um opúsculo, *O dever dos monarquistas*, em resposta a outro escrito pelo almirante Jaceguai, favorável ao novo regime, intitulado *O dever do momento*.

1896 – 12 de janeiro. É publicado no Jornal do Commercio um manifesto do recém-fundado Partido Monarquista, tendo como signatários, além de Nabuco,

os conselheiros João Alfredo, Lafaiete Pereira, o Visconde de Ouro Preto, Afonso Celso e outros.

1893/1899 – Dedica-se às letras, escrevendo livros e artigos para jornais e revistas. Estes livros, quase sempre de comentários políticos, foram: *Balmaceda* (publicado em 1895), sobre a guerra civil no Chile, e *A intervenção estrangeira na Revolta de 1893* (publicado em 1896) onde, além de analisar o desenrolar da luta, faz confronto entre Saldanha da Gama, maior líder da Revolta, e Floriano Peixoto, que encarnava a legalidade. Também deste período é *Um estadista do Império* (1896), seu principal livro, em que analisa a vida do senador Nabuco de Araújo. É desta época o seu livro de memórias, *Minha formação*, publicado parcialmente na imprensa e reunido em livro em 1900.

1896 – Participa da fundação da Academia Brasileira de Letras, que teve Machado de Assis como seu primeiro presidente e Nabuco como secretário perpétuo. Ingressa no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1899 – 9 de março. Aceita convite do governo da República para defender o Brasil na questão de limites com a então Guiana Inglesa. Inicia um processo de afastamento do grupo monarquista.

1900 – agosto. Aceita o cargo de chefe da legação em Londres. Profere, no Rio de Janeiro, discurso considerado como a sua declarada adesão à República.

1903 – Publica em Paris o livro *O Direito do Brasil,* em que analisa as razões do Brasil na contenda com a Inglaterra a respeito da Guiana Inglesa.

1904 – 14 de junho. O rei Victor Emanuel da Itália dá o laudo arbitral na questão da Guiana Inglesa, considerado por todos, inclusive por Nabuco, como uma derrota para o Brasil.

1905 – Assume o cargo de embaixador do Brasil nos Estados Unidos, na recém-criada embaixada brasileira em Washington, em 25 de maio. Defende uma política pan-americana, baseada na doutrina de Monroe.

1906 – julho. Organiza a III Conferência Pan-americana, realizada no Rio de Janeiro, com a presença do secretário de Estado dos Estados Unidos, Elihu Root.

1910 – 17 de janeiro. Falece em Washington, após um longo período de doença.

Lailson de Holanda Cavalcanti nasceu no Recife, em 1952. Artista gráfico, cartunista, chargista, quadrinista, jornalista, publicitário e pesquisador de humor gráfico. Começou a publicar seus trabalhos ainda como estudante bolsista nos Estados Unidos em 1971, no jornal *The Pine Cone*. Durante quase três décadas, registrou diariamente a cena política brasileira e mundial, em publicações como *Revista Visão*, *O Pasquim, Revista Palavra, Pasquim 21, Bundas, Mad* (edição brasileira), *Miami Herald, Florida Review, Cagle Cartoons, Jornal do Brasil, Diario de Pernambuco, Revista Stern, The Guardian, Revista Quevedos,* entre outros. Recebeu prêmios em salões e concursos de humor no Brasil e exterior. Seus livros *Humor diário* (Universidade Federal de Pernambuco, 1997) e *Historia del humor gráfico en el Brasil* (Universidad de Alcalá de Henares, Espanha, 2005), além de *O que vier eu traço, Democracia pra mim é grego, Esta vida é um circo* e *Cartas de Pindorama*, além de seu livro comemorativo *Retrato oficial*, publicados por diferentes editoras, reuniram grande parte dos seus trabalhos de charges e cartuns.

É autor de *Pindorama – a outra História do Brasil* (2004), *O livro do bom humor* (2005) e *Lusíadas 2500* (2006), e também da adaptação dos clássicos da literatura brasileira *O Alienista,* de Machado de Assis, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

Em 2009, lançou *Arraestaqui* em livro, DVD e uma exposição, tendo como tema a atuação política do ex-governador Miguel Arraes de Alencar.

Nota: O ano de 2010 fora considerado
"Ano Nacional Joaquim Nabuco"

A Lei Federal 11.946 instituiu o ano de 2010
como "Ano Nacional Joaquim Nabuco",
para marcar o centenário de morte do pensador,
escritor, diplomata, político e abolicionista pernambucano
Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo.

Esta publicação, da Editora Massangana,
faz parte das muitas ações para a difusão do nome
e da obra do patrono da Fundação Joaquim Nabuco.

Esta edição foi composta nas fontes AmeriGarmnd BT
e Garamond Premier Pro com miolo
e capa sobre papel Couché Fosco 120 g/m²
impressa pela Marina – Artes Gráficas e Editora Ltda,
para a Editora Massangana, em 2019.

ISBN 978-85-7019-469-5

“A escravidão é a destruição
de todos os princípios
e fundamentos da moralidade
religiosa ou positiva;
politicamente,
é o servilismo,
a degradação do povo,
a doença do funcionalismo;
econômica e socialmente,
é o bem-estar transitório
de uma classe única.”

Joaquim Nabuco

Fundação Joaquim Nabuco
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL